

A FIGA VERDE E A MISTERIOSA MULHER DE BRANCO

FERREIRA, Paulo Roberto. **A figa verde e a misteriosa mulher de branco**. Belém: Paka-Tatu. 2024. 176 p.

Wiliana Carneiro Carvalho¹

O romance *A figa verde e a misteriosa mulher de branco*, de Paulo Roberto Ferreira, aborda efeitos das ações do regime totalitário na região Amazônica (1964-1985). Trata-se de um tema importante, considerando a relação entre memória e história frente às forças que operam em favor do esquecimento. Assume caráter ficcional na medida em que organiza um enredo que costura as muitas narrativas que se entrelaçam ou ainda que atribui nomes ficcionais a personagens que fizeram parte da história real na região.

A narrativa perpassa uma das fases mais críticas das dinâmicas do desenvolvimentismo no Brasil. A inflação, o desemprego, o baixo PIB, as incertezas e a crise no início da década de 1960 eram fagulhas em que ascendiam ao poder os militares (Curado, 2021). A atividade industrial estava em colapso, mas o impacto positivo da agricultura criava condições para expandir a indústria novamente (Macarini, 2005).

O desenvolvimento chegava na região Amazônica com a abertura da floresta, impactando negativamente a vida das populações nativas, indígenas e ribeirinhas no Norte do Brasil, gerando, ali, forte migração de pessoas de várias regiões do País. As transformações ocorridas na floresta a partir de então gerava uma série de conflitos entre migrantes e populações nativas. O lugar era visto e divulgado como uma região sem homens e sem civilização, colonizar era um projeto do governo militar.

A estratégia de ocupação da floresta com a construção da rodovia Transamazônica, iniciada e inacabada no governo Médici, fez com que surgissem pequenas cidades, que viviam de extração de madeira, agricultura, criação de animais, mineração e, ao mesmo tempo, isoladas e distantes das grandes cidades, sem saneamento básico nem assistência médica, viviam à mercê das doenças, que eram tratadas com ervas medicinais da floresta. Muitas doenças eram tratadas

¹ Doutoranda pela Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT). Mestre em Letras Ensino de Língua e Literatura pela UFT. Graduada em Letras Português e francês pela UFPI. Professora da Educação básica (SEMED – Araguaína – TO/SEDUC – TO). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2140099253284924>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5378-481X>. E-mail: cc.wiliana@gmail.com

com ervas e cascas de árvores, e os moradores cultivavam essas plantas para tratar doenças como picadas de cobra e de insetos, febres, ferimentos, inflamação no fígado e vários outros males que atingiam os camponeses (Ferreira, 2024).

Propagava-se a ideia de “crescimento” e integração no Brasil, mas a realidade era que havia muitos lugares isolados e longe de grandes centros. A escassez de alimentos, água potável, medicamentos e assistência médica era percebida pelos migrantes somente quando chegavam ao local. Quem era de fora e passava pela região, ajudava os doentes, aproveitando os conhecimentos aprendidos dentro da floresta. Eram guerrilheiros do Araguaia, escondiam-se na mata, não tinham moradia fixa. Discordavam das ideias autoritárias do regime militar, defendiam os camponeses e a reforma agrária, e eram perseguidos e torturados pelo exército.

Uma das personagens que identifica a história dos guerrilheiros é Djanilo, por meio do qual se percebe o drama de ser perseguido e torturado pelas forças que comandam o governo militar. Acompanhava o médico doutor Jura nas andanças pela mata no norte do Tocantins e no Pará, dando assistência médica à população.

Diante disso, e sabendo que a história real não morre, o autor mostra, na obra, seu interesse em trazer de volta memórias que atualmente retornam com “[...] discursos nacionalistas maquiados a pó e pólvora, casca e caos”, como diz o escritor Daniel da Rocha Leite (Ferreira, 2024, p. 9) na introdução do livro. A memória da ditadura militar é reconstruída, nesse caso, a partir das lembranças do escritor, que era repórter na época, atento aos fatos, à violência extrema, especialmente aquela cometida contra os povos originários.

A capa do livro traz a imagem de uma mão segurando um amuleto, uma figa verde, sobreposta ao fundo de cor preta, e anuncia um dos pontos principais da narrativa: afastamento e reencontro entre pai e filho após décadas, Djanilo e Djalma, separados em virtude das perseguições que ambos sofrem por parte dos militares. Quanto à misteriosa mulher de branco, trata-se de uma figura feminina que aparece em momentos decisivos, como uma espécie de adjuvante sobrenatural para ajudar alguns personagens que se encontram em perigo. O mistério sobre sua identidade, porém, revela-se ao final da narrativa.

Ferreira vai evidenciar a violência das transformações que se operam no contexto da Amazônia sob a orientação desenvolvimentista de ocupação do território e exploração econômica empreendida pelos governos militares. A floresta vai sendo derrubada e a terra contaminada com a mineração, povoados indígenas são destruídos em nome de um desenvolvimento que ignora os povos originários. Com tantas pessoas de outros lugares chegando à Região Norte, instalavam-

se nesse espaço outras formas de vida e de cultura. A abertura de estradas e de mineradoras corroboraram para o desmatamento, a poluição dos rios, gerando doenças e transformando o modo de vida local.

Viver em fuga na floresta parecia ser o único meio de resistência e sobrevivência às abordagens violentas e truculentas do exército. A população era intimidada, espiões eram infiltrados nas comunidades na mata, como uma maneira de obter informações sobre quem passava pela região. A conquista de informações sobre militantes do PCdoB envolvidos na chamada Guerrilha do Araguaia ocorria sob ameaça de tortura e morte.

A diversidade de personagens e diferentes narrativas organizadas em 72 capítulos breves contribuem para o rápido andamento da narrativa. A linguagem é simples, sem volteios ou grandes elaborações. Ferreira viveu a censura, e acompanhou as dinâmicas desenroladas a partir da frase “Terras sem homens para homens sem terras”.

Histórias de árvore fantasma, de seringueira encantada fortaleciam a resistência e a proteção à floresta; a presença, na narrativa, de expressões como “Serra do Careca”, “Bicudo” e “doutor Jura” (Ferreira, 2024) confirma o discurso ficcional, dando margem à imaginação sobre lugares e pessoas evidentes na época da ditadura, como o garimpo da “Serra Pelada”, “Major Curió”, conhecido como chefe do garimpo e “doutor Juca”, médico que ajudou muitos nas comunidades por onde esteve na mata.

Além disso, a alta umidade na floresta Amazônica garantia, de certa forma, o não escoamento da água das chuvas na estrada, formando igarapés, que amolecem o chão que, mesmo em dias ensolarados, funcionam como verdadeiros protetores da natureza, atolando constantemente os veículos e dificultando o avanço das máquinas.

Desse modo, a obra *A figa verde e a misteriosa mulher de branco* confirma como a literatura é algo capaz de proporcionar “traços essenciais de humanidade” no sujeito, “na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante” (Cândido, 2011, p. 188), “satisfaz à necessidade de conhecer os sentimentos e a sociedade, ajudando-nos a tomar posição em face deles” (Cândido, 2011, p. 188), exercitando a reflexão, afinando as emoções e a percepção da complexidade do mundo e dos seres.

Ferreira demonstra o desejo de assumir posição face do problema da história e de sua relação com a memória, misturando ficção e realidade em um discurso que narra com empenho a realidade amazônica a partir de uma determinada visão de realidade, deixando claras suas

convicções, através da percepção que o leitor venha a ter das personagens, de suas angústias, sofrimentos, conflitos e tensões vividos.

O medo é uma paixão recorrente nas personagens, manipuladas pelas circunstâncias do programa violento e opressor do governo militar, em que o exército interage com os camponeses por intimidação e ameaça. O medo é um sentimento percebido em algumas personagens: Djanilo, perseguido e torturado desde o início da narrativa, mesmo antes de separar-se do pai (Djalma); Altair, outra personagem evidente na narrativa, era trabalhador nas obras de abertura da floresta, fugitivo discreto da contínua tensão nas transformações na floresta quando sabia que o seu trabalho colaborava com o prejuízo dos indígenas; doutor Jura dava assistência médica aos moradores da floresta; essas personagens conviviam com os povos originários e populações ribeirinhas, porém não tinham moradia fixa.

Mobilizando a teoria de Cândido (2011) para refletir sobre a leitura da obra em questão, e observando os efeitos da ditadura militar para os povos da floresta, Ferreira elabora seu ponto de vista político, mostrando não apenas uma intenção e um assunto, mas trazendo à luz do presente uma discussão pertinente e importante, esteticamente válida, contribuindo para a causa que deseja e procura servir. A romance de Ferreira focaliza pontualmente na reflexão de Cândido (2011), isto é, na restrição dos direitos ou na negação deles, porque a literatura age como um “instrumento consciente de desmascaramento” e, nesse caso, amplia a fruição na medida que contribui para o não apagamento da memória.

A Figa verde e a misteriosa mulher de branco é uma manifestação ficcional em acordo com o impulso do autor, de crenças, normas, sentimentos e paixões, a fim de fortalecer em cada um sua presença e a atuação deles na sociedade, em que a relação entre memória, história e literatura tem papel importante na formação de leitores.

Ainda sobre o mesmo tema, a ditadura militar ou a continuidade da violência na região, Ferreira publicou *Tempos de Resistência* na coletânea *Recortes da Mídia Alternativa*; *A censura no Pará – A mordaza a partir de 1964*; *Encurralados na Ponte – o massacre dos garimpeiros de Serra Pelada*; *O apagador de florestas*, *Mosaico Amazônico* e é coautor de *O homem que tentou domar o Amazonas*.

Considerando o foco abordado, a ditadura militar e a Guerrilha do Araguaia, no final da década de 1960 e início da década de 1970, o livro é destinado a jovens, adultos e pesquisadores desse tema, apresentando grande relevância para alunos da Educação Básica, visto que se trata de uma versão, entre tantas outras, silenciada pela história oficial do Brasil. Por isso, há

necessidade de se conhecer versões desse mesmo acontecimento na Amazônia, a Guerrilha do Araguaia, refletir sobre os fatos ocorridos na época, compreendendo a importância de preservar a memória, mostrando que todas as ações de violência, tortura e opressão realmente existiram.

REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. Vários escritos. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora Ouro sobre Azul, 2011.

CURADO, Marcelo Luiz. Octávio Gouveia de Bulhões: para além do neoliberalismo. *In*: SALOMÃO, Ivan Colangelo et al. (Org.). **Os homens do cofre**. São Paulo: Unesp, 2021. p. 397-422.

FERREIRA, Paulo Roberto. **A figa verde e a misteriosa mulher de branco**. Belém: Paka - Tatu, 2024, 176 p.

MACARINI, José Pedro. **A política econômica do governo Médici: 1970-1973**. Nova Economia, [S. l.], v. 15, p. 53-92, 2005.